

Homenagem à Anna Rachel Machado: a linha de pesquisa Linguagem e Trabalho a partir da visão dos grupos ALTER e ATELIER

Paris, Montmartre (s/d)



Várias homenagens póstumas já foram feitas à nossa grande mestra Anna Rachel Machado. A Revista L@el em (Dis-) Curso também providenciou uma homenagem a ela a partir de um trecho da “Apresentação” da obra *O ensino como Trabalho: uma abordagem discursiva*, da qual ela foi organizadora em 2004. Este livro foi um marco nos estudos em que se considera a atividade educacional, ou seja, a atividade do professor como trabalho. No trecho selecionado, a professora aborda a linha de pesquisa Linguagem e Trabalho a partir da visão do Grupo ALTER por ela criado em 2002, revelando uma parte de sua trajetória profissional e acadêmica que, infelizmente, já se encerrou, mas que deixa seu legado. Neste trecho, Anna Rachel comenta que o grupo

ALTER foi, inicialmente, subgrupo do ATELIER. Por este motivo, realizamos uma entrevista com a Prof^a Dr^a Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva em que ela também aborda a linha de pesquisa Linguagem e Trabalho a partir da visão do Grupo ATELIER.

Com carinho, saudade e admiração...

Siderlene Muniz-Oliveira

Ermelinda Barricelli

06/10/2012

Siderlene Muniz-Oliveira: Como se deu o desenvolvimento das pesquisas da linha Linguagem e Trabalho do *Grupo Análise, Linguagem e Trabalho Educacional e suas relações* (ALTER)?

Anna Rachel Machado (2004): As inúmeras transformações que têm afetado o mundo do trabalho nas últimas décadas repercutiram em todas as instâncias sociais e têm sido causa de sérios

problemas para os trabalhadores. Ao mesmo tempo, acompanhando essas transformações, têm-se desenvolvido pesquisas em diferentes disciplinas com o objetivo de se chegar a uma melhor compreensão desses problemas e de trazer subsídios para a sua superação. Muitas dessas pesquisas têm procurado, sobretudo, compreender características do trabalho na sociedade contemporânea e das atividades específicas de diferentes profissões, frequentemente não visíveis a um primeiro olhar, já que esse olhar é atravessado ou por representações de teorias inadequadas ou por representações do senso comum construídas ao longo de décadas e décadas da história humana.

A meu ver, o mesmo fenômeno tem ocorrido em relação às atividades educacionais e, mais especificamente, em relação à profissão professor, que, em geral, não têm sido abordadas com a utilização de conceitos, instrumentos e metodologias originárias das chamadas Ciências do Trabalho (Psicologia do Trabalho, Ergonomia da Atividade, Ergologia, etc), aliados a uma abordagem propriamente discursiva. Do ponto de vista mais local, essa questão chamou-me atenção a partir de uma intensa interação com dois grupos de pesquisa do LAEL, um da linha Linguagem e Trabalho e outro da linha Linguagem e Educação, e com dois grupos de pesquisa internacionais, o Grupo APST da Universidade de Provence e o Grupo da Unidade de Didática das Línguas da Universidade de Genebra. Como membros do Grupo ATELIER, desde 1996, grupo esse coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva, que, naquele momento, desenvolvia projeto de pesquisa no quadro do Acordo CAPES-COFECUB e introduzia no Brasil o estudo das relações entre linguagem e trabalho, comecei a questionar o fato de que as atividades educacionais não fossem tratadas como trabalho, o que, naquele momento, era negado tanto pelos pesquisadores brasileiros quanto pelos pesquisadores franceses envolvidos. Por outro lado, ao mesmo tempo, minhas relações com as pesquisas sobre Formação de Professores do LAEL e com o Grupo de Didática de Línguas da Universidade de Genebra, levavam-me a acreditar que elas poderiam ganhar desenvolvimento maior, se nelas fossem consideradas as contribuições de Ciências do Trabalho, tais como a Ergonomia e a Psicologia do Trabalho.

Coincidentemente, em 2000, essas mesmas questões começaram a permear os trabalhos desenvolvidos por alguns dos pesquisadores de Genebra, que constituíram, sob a coordenação de Jean-Paul Bronckart, o Groupe LAF (Langage Action Formation), para o qual fui convidada a participar como consultora internacional do projeto de pesquisa *L'analyse des actions et des discours em situation de travail et leur exploitation dans les démarches de formation*.

Com esse reforço e incentivo adicional, constituímos, em 2001, o Grupo ALTER, com um subgrupo do grupo ATELIER, da linha de pesquisa Linguagem e Trabalho, no Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC/SP, em torno do desenvolvimento do projeto de pesquisa *Análise de linguagem, trabalho educacional e suas relações*, que envolve pesquisadores doutores de quatro instituições brasileiras e doutorandos e mestrandos do LAEL. Nesse projeto, centramo-nos no estudo das diferentes práticas de linguagem que se desenvolvem *no e sobre* o trabalho educacional, para identificar as relações entre as práticas e sua influência sobre o agir dos profissionais da educação.

Além do novo posicionamento assumido pelo Groupe LAF, posteriormente, em 2003, tivemos novo incentivo: o Prof^o Dr. Daniel Faita, com o qual mantínhamos contato desde o Acordo CAPES-COFECUB, considerado como um dos maiores linguistas franceses especializados justamente na análise do trabalho, também voltou-se para o estudo do agir educacional como trabalho, o que propiciou novo desenvolvimento para nosso projeto inicial, acoplado diretamente ao convite para minha permanência, em 2003, por três meses, como professora visitante no *Institut de Formation de Maîtres* de Marselha, junto a pesquisadores da equipe ERGAPE (Ergonomie de l'Activité des Professionnels de l'Education). Essa estadia na Europa estendeu-se com o convite do *Groupe LAF* para a minha permanência em Genebra durante dois meses para discussões científicas sobre nossos projetos.

[A] motivação maior [da linha Linguagem e Trabalho do grupo ALTER] está diretamente relacionada às preocupações centrais que permeiam todo o sistema educacional brasileiro [...]. (p.VII-XI).

Ermelinda Barricelli: O que significa a linha de pesquisa Linguagem e Trabalho na perspectiva do grupo de pesquisa *Atelier Linguagem e Trabalho*?

Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva: A linha de pesquisa Linguagem e Trabalho teve início no LAEL na década de 90. São vários os professores nela envolvidos e diferentes as perspectivas teóricas que direcionam as investigações. Atenho-me, portanto, ao grupo que coordeno, Atelier Linguagem e Trabalho (CNPq), que começou a se delinear em 1995 e consolidou-se em 1997, com o convênio Capes-Cofecub "Activités de langage en situation de travail" (1997-2000), envolvendo,

do lado brasileiro, a PUC-SP, a PUC-Rio e a UFRJ e, do lado francês, a Université de Rouen e a Université de Provence.

Atualmente, além da PUC-SP, o grupo congrega doutorandos e mestrandos de diferentes universidades: PUC-RJ, PUC-RS, UFF, USP, UniRio, Unisinos, UPF, UNIFESP e UTFPR. Durante sua trajetória, o Atelier manteve interlocuções com alguns laboratórios de pesquisa: APST (Analyse Pluridisciplinaire des Situations de Travail), Ergape (Ergonomie de l'Activité des Professionnels de l'Éducation) e CNAM (Clinique de l'Activité et de l'Action). No momento, mantém convênio, em nível internacional, com o Departamento de Ergologia da Université Aix-Marseille I e faz parte da Rede Franco-Lusófona *Ergologia, Trabalho e Desenvolvimento*, formada por pesquisadores de universidades de diversos países: França, Portugal, Costa do Marfim, Moçambique, Ilhas Comores, Argélia e Brasil. Em nível nacional, tem acordo formalizado com a UERJ e com os grupos Pralins (Práticas de Linguagem e Subjetividade) e Tessitura: Vozes em (Dis)curso, ambos certificados pelo CNPq.

As atividades desenvolvidas pelo grupo estão voltadas para três vertentes, duas delas centradas na relação linguagem e trabalho e uma terceira direcionada para os estudos discursivos: (i) estudo das práticas de linguagem relacionadas a uma determinada situação de trabalho; (ii) estudo das práticas de linguagem sobre o trabalho; (iii) estudo das práticas de linguagem em diferentes contextos.

As pesquisas referentes à primeira vertente - que desenvolvo aqui com mais detalhe tendo em vista suas especificidades - ancoram-se na Ergologia, uma abordagem nova e criativa que reconhece a atividade de trabalho como debate de normas. A abordagem ergológica propõe uma dialética entre os saberes instituídos ou acadêmicos e os saberes investidos ou práticos. Os primeiros referem-se a conceitos advindos de várias disciplinas e que dizem respeito a tudo aquilo que é formalizado, ensinado e consultado, sob diversos suportes: livros, escritos, gráficos, etc, todo o referencial dos prescritos, das normas; enfim tudo aquilo que se encontra antes da realização do trabalho. Esse conjunto de prescrições é denominado por Schwartz de normas antecedentes. Já os saberes investidos ou práticos referem-se aos conhecimentos advindos da dimensão experimental, concreta, da dimensão conjuntural de cada situação de trabalho, isto é, do aqui e agora, mediado por indivíduos singulares com seus objetos e ambientes particulares. Leva-se em conta a experiência de cada trabalhador, de sua história, de seu saber acumulado, individual e/ou coletivamente. Toda a atividade de trabalho seja de professores, de enfermeiros, de controladores

de voo e mesmo de vendedores informais é afetada pela infiltração do histórico, da experiência, dos saberes que cada um possui, adquirido no meio particular de vida e de trabalho. Trata-se aqui do patrimônio de conhecimentos advindos do próprio trabalhador. Em situação de trabalho sempre existem, por parte do trabalhador, escolhas, ajustamentos a serem feitos entre o geral, os saberes instituídos, e a variabilidade e instabilidade de cada situação localmente particular e inédita, os saberes investidos. Trata-se aqui de se estabelecer uma consonância entre os dois saberes – o acadêmico e o prático. É o lugar da renormalização, das reavaliações, do retratamento de normas e de valores que estão enraizados nas gestões da atividade.

As pesquisas da segunda vertente explicitam toda uma rede de produções discursivas que enfocam o tema trabalho, desde as mais locais, no interior de uma situação *stricto sensu*, até as mais externas, que colocam em circulação textos de diferentes esferas. Trata-se de estudos que possibilitam o resgate de uma certa historicidade do homem no trabalho, daquilo que dele ficou registrado em diferentes suportes, o que implica a possibilidade mesma de reconstrução de uma memória discursiva. Essa segunda vertente é uma característica das pesquisas desenvolvidas no Brasil. As francesas estão focadas na análise de situações de trabalho *stricto sensu*. Como exemplo de investigação nessa vertente, situam-se duas teses de doutorado. A primeira tem como objetivo reunir em um único arquivo os pronunciamentos de 1º de maio (1938-1994) e analisá-los como produções discursivas visando a identificar imagens de governo/trabalhador inscritas nesses discursos. Uma das conclusões aponta para a organização dos interlocutores em torno de uma topografia e de uma cronografia de *ordem* que estabelece os limites entre os quais se situam governo e trabalhadores. A segunda visa a depreender a forma pela qual um certo recorte da imprensa escrita, brasileira e argentina, está construindo discursivamente a participação do mundo do trabalho no processo de integração no marco do Mercosul. A compreensão de mundo do trabalho está ancorada em uma perspectiva ergológica e o momento contemporâneo da mundialização é visto sob o ponto de vista de uma vertente da Economia Política. O foco de estudo recai sobre a imprensa escrita, tendo como objeto de análise os jornais *Clarín* e *Folha de S. Paulo*, e como tema organizador do *corpus*, a indústria automotiva. Aponta-se para uma contradição na formação do Mercosul, finalizando com uma reflexão sobre os critérios de definição de espaço geográfico e econômico, num mundo em crise de espaços. Como resultado, foi possível identificar a atribuição de espaços discursivos mais complexos que a prevista pelo conceito econômico.

A terceira vertente de estudos centra-se em um debate que prioriza os planos teórico e metodológico da investigação das práticas de linguagem sob uma ótica discursiva. O quadro teórico que serve de base aos trabalhos dessa vertente vem conferindo lugar de destaque às propostas enunciativo-discursivas tais como formuladas por D. Maingueneau, em especial no que diz respeito à articulação entre as noções de gênero de discurso e cenografia e à investigação da produtividade de conceitos como os de *ethos* e código linguageiro e, mais recentemente, de noções como destacamento, aforização e pequenas frases. Assim, valoriza-se uma perspectiva que enfatiza o lugar do heterogêneo nas práticas de linguagem, bem como a explicitação do papel desempenhado por tais práticas na produção de subjetividades.

Uma das pesquisas dessa vertente voltou-se para a análise da revista Vida Executiva, a fim de depreender a imagem discursiva construída por esse veículo da mídia impressa quando tematiza as relações da mulher no trabalho. Para pensar nessa problemática, recorreu-se à noção de *ethos*, um comportamento socialmente avaliado, que permite refletir sobre o processo da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva (Maingueneau). A Vida Executiva, por sua própria enunciação, visa a integrar enunciativa e co-enunciativa em um mesmo mundo ético, o das executivas dinâmicas, competentes, brilhantes, ambiciosas, bem sucedidas, bonitas, atualizadas e corajosas; e o faz em um tom didático, disciplinador, isto é, confiante, seguro, objetivo, mas, ao mesmo tempo, otimista, alegre, descontraído. Por seu modo de dizer e de mostrar, o discurso da revista define um certo ideal de circular, conviver e se movimentar que associa as ideias que promove a uma maneira de habitar determinado espaço social, o mundo empresarial. Enunciadore(a)s e co-enunciadore(a)s compartilham da mobilidade, relatividade e individualismo propostos ao trabalhador no mercado de trabalho. Trata-se aqui do processo de incorporação que evoca imbricação radical do discurso e do seu modo de enunciação (Maingueneau).

Pode-se dizer que a revista existe para levar a coenunciadora a preparar-se para trabalhar no mundo atual, competitivo. A preocupação em organizar o espaço, controlar o tempo, o corpo, vigiar constantemente a conduta da mulher, embora com desenvoltura, humor e leveza, mostra o funcionamento da revista como instância reguladora da vida da executiva. O discurso da mídia contemporânea mantém, assim, uma ligação privilegiada com o *ethos*; busca persuadir, ao associar os valores que promove a uma maneira de habitar o mundo do trabalho. A Vida Executiva, apoiando-se em estereótipos validados, procura, por meio da concordância das leitoras, dar sentido de participação a sua subordinação e o faz não na forma negativa da repressão, mas na forma mais

sutil de adestramento, isto é, da “produção positiva de comportamentos”, uma forma de exercer o poder, característica de determinados saberes, de “técnicas disciplinares” (Foucault), que permite refletir sobre o processo da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva atualmente produzidas pela mídia para serem rapidamente consumidas.